

## 2. Descalço e a pé: um estudo sobre duas biografias de José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil

*Algumas vidas são exemplares, outras não; e entre as vidas exemplares há as que nos convidam a imita-las, e aquelas que observamos à distância com uma mistura de repulsão, piedade ou reverência. É aproximadamente a diferença entre o herói e o santo (se é que podemos usar este termo mais num sentido estético que religioso).*  
Susan Sontag

O primeiro parágrafo do prefácio escrito pelo Pe. Hélio Abranches Viotti, para a edição das “Primeiras Biografias de José de Anchieta – Quirício Caxa e Pero Rodrigues” publicada como o 13º volume das Obras Completas, organizadas pelas Edições Loyola (SP), em 1988, explicita a motivação da escrita de uma biografia de José de Anchieta imediatamente após sua morte. Diz o texto:

Em 9 de junho de 1597, falecia, na Aldeia de Reritiba, atual Cidade de Anchieta, no Espírito Santo, o Pe. José de Anchieta. Prestou-lhe a capitania do Espírito Santo as maiores homenagens, compatíveis com as condições de seus limitados recursos. Sua fama de santo sobredourou-se durante suas solenes exéquias, pela palavra do prelado do Rio de Janeiro, Bartolomeu Simões Pereira, com o glorioso título de *Apóstolo do Brasil*.” (Viotti, 1998, p. 7, grifo meu)

A declaração feita pelo então bispo do Rio de Janeiro que dedicou a Anchieta o título de *Apóstolo do Brasil* ainda durante suas exéquias, só fez aumentar a fama de santo de que o padre já gozava junto ao povo e chamou a atenção dos jesuítas que viviam aqui e na Europa.

Ser chamado de *Apóstolo do Brasil* por uma das principais autoridades eclesiásticas da época provocou uma alteração nos procedimentos da Província jesuíta do Brasil: em vez de simplesmente acusar a morte do padre, através de carta contendo o respectivo necrológico como era o costume, o provincial, Pe. Pero Rodrigues, SJ, determinou a elaboração de uma notícia biográfica de Anchieta.

Claro está que não só a devoção ao Pe. José, como era chamado pelo povo, nem tampouco as inúmeras manifestações de dor por sua perda, foram os principais determinantes para tal empreendimento. A canonização de José de Anchieta poderia significar para a Companhia de Jesus a conquista definitiva dos altares da Igreja.<sup>17</sup> Ademais, sua exemplaridade era bastante útil para a formação das novas gerações de jesuítas. Pelo aspecto civil e político, tratava-se ainda do registro da vida e obra de uma personalidade histórica que presenciou e participou de fatos importantes da história do Brasil nascente.

Para além da obra literária produzida pelo jesuíta, seus biógrafos parecem preocupar-se com aquilo que entendem como seus maiores feitos, ou seja, os trabalhos de evangelização dos índios e de participação política e religiosa na constituição histórica do Brasil Colônia. Os relatos biográficos sobre o Pe. José aqui considerados são unânimes em destacar sua incansável atividade, humildade e diligência no serviço à Companhia de Jesus e ao Rei de Portugal.

Por tudo isso, Anchieta é um dos personagens históricos mais marcantes do período colonial brasileiro, até hoje estudado pelos vieses da Literatura e da História. Pe. José foi beatificado pelo Papa João Paulo II, em 22 de junho de 1980 e a Companhia de Jesus trabalha até hoje por sua canonização definitiva.

O também jesuíta Pe. Murillo Moutinho, que por vários anos foi o Vice-postulador para a Causa de Canonização de Anchieta, realizou uma extensa pesquisa que resultou no livro *Bibliografia para o IV Centenário de Morte do Beato Anchieta – 1597/1997*<sup>18</sup>, onde são encontradas e sistematizadas as inúmeras referências bibliográficas sobre o canarino, no Brasil e no exterior. Ao todo, entre 1597 e 1997, 344 obras foram produzidas a respeito do Beato. São textos literários e acadêmicos de autores brasileiros, latinoamericanos e europeus e que, por sua vez, fazem referência a outros tantos olhares sobre Anchieta. E, em se tratando de pesquisa sobre um personagem histórico, é plausível e fundamental que todos

---

<sup>17</sup> Quando Anchieta morreu a Companhia de Jesus possuía apenas 57 anos de existência. O primeiro santo jesuíta é o próprio fundador, Inácio de Loyola, que só foi canonizado em 1622. Portanto, era de especial interesse o anúncio público por uma autoridade eclesiástica sobre as virtudes do Pe. José, as quais poderiam suscitar um processo de canonização, como posteriormente veio a ocorrer.

<sup>18</sup> MOUTINHO, M. **Bibliografia para o IV Centenário de Morte do Beato Anchieta – 1597/1997**. Vol I. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

esses textos incluíam de alguma forma, a biografia do jesuíta, ainda que não tenham sido produzidos especificamente com o objetivo biográfico.

Os primeiros relatos sobre a vida e obra de Anchieta datam dos séculos XVI e XVII. São eles: *Breve relação da vida e da morte do padre José de Anchieta*, de Quirício Caxa, SJ, escrita em 1597; *Vida do padre José de Anchieta*, de autoria de Pero Rodrigues, SJ, escrita entre os anos de 1605 e 1609 e, finalmente, *Vida do venerável padre José de Anchieta*, de Simão de Vasconcelos de 1672. Embora seja citado por autores importantes dos séculos seguintes<sup>19</sup>, somente no século XX acontece uma retomada de obras biográficas sobre ele; não por acaso, mas porque também ocorreu naquele século, uma retomada em seu processo de canonização.<sup>20</sup> Muitas das biografias anchietanas possuem, contudo, um texto claramente devocional, sem prejuízo, contudo, do rigor científico na pesquisa empreendida<sup>21</sup>. As *Obras Completas* lançadas pelas Edições Loyola incluem *Anchieta: o apóstolo do Brasil*, de autoria de Hélio Abranches Viotti, SJ, que embora exalte a exemplaridade de Anchieta é um texto escrito com intenção documental. Em 2004, a Associação Pro-Canonização de Anchieta – CANAN lançou, em parceria com as Edições Loyola, *José de Anchieta, o apóstolo do Brasil*, de autoria de Pedro Américo Maia, SJ, que vem a ser a mais recente biografia de Anchieta publicada no Brasil.

Este capítulo tem por escopo dois dos textos biográficos de José de Anchieta, quais sejam: o primeiro, *Breve relação da vida e da morte do padre José de Anchieta*, de Quirício Caxa, SJ, de 1597, e o último o citado acima. A partir deles, serão analisados os aspectos referentes aos limites teóricos do gênero biográfico e suas interrelações com a História, a Literatura e a Igreja.

<sup>19</sup> Fazem referência à Anchieta autores como Machado de Assis (1839-1908), Olavo Bilac (1865-1918), Jorge de Lima (1893-1953) e Cecília Meirelles (1901-1964)

<sup>20</sup> Considere-se que a Companhia de Jesus ficou supressa pela Igreja entre os anos de 1773 e 1814. Ao Brasil, porém, os jesuítas só retornaram em 1841. Durante todo esse tempo, houve uma descontinuidade em todos processos eclesiais correspondentes à Ordem, em particular, o que trata da causa de canonização de Anchieta.

<sup>21</sup> Destacam-se nessa perspectiva títulos como *Anchieta, apóstolo do novo mundo*, de autoria de José Freitas Nobre, de 1968; *São José de Anchieta*, de Gabriel Romeiro e Guilherme Cunha Pinto, de 1987 e *Um carismático que fez história: vida do Pe. José de Anchieta*, de Armando Cardoso, SJ, de 1997.

## 2.1.

### **Padre José, Irmão José, Joseph de Anchieta: o Apóstolo do Brasil**

Ao chegar ao Brasil, José de Anchieta desembarcou em Salvador e de lá seguiu para São Vicente designado para trabalhar diretamente com o Pe. Manuel da Nóbrega, então Provincial do Brasil. Logo iniciou seu trabalho missionário, junto com outros ofícios administrativos da Província e com os trabalhos necessários à sobrevivência naquelas terras e que não eram poucos. Anchieta também atuou como formador dos alunos do colégio jesuíta daquela Capitania.

Porém, os jesuítas contribuíram não somente para a evangelização do Brasil ou para a educação do seu povo. Aqui, envolveram-se com o desbravamento do interior, com o relato cartográfico e natural da terra descoberta e com a montagem da infra-estrutura necessária à sobrevivência local. Anchieta, ainda que também estivesse envolvido com tudo isso, teve uma atuação política decisiva ao lado do Pe. Nóbrega. Ambos trataram de questões como o enfrentamento de conflitos entre índios, colonos e portugueses, as invasões francesas e a fundação de cidades, ampliando a ação da Companhia dos altares e colégios, para a consolidação civil da colônia.

Anchieta é entendido por vários autores como um herói histórico e suas biografias contribuíram em muito para a construção de uma figura grandiloquente, com fama de santidade. Desde o primeiro relato biográfico, escrito imediatamente após a sua morte, até as mais recentes, a tentativa de construção de um grande personagem é facilmente perceptível e essa característica se reproduz em excertos biográficos que compõem outros estudos sobre o jesuíta.

Se por um lado afirma o Pe. Pedro Américo Maia, seu último biógrafo, que *“uma biografia de José de Anchieta não seria completa se esquecesse de documentar aspectos de sua vida que transcendem a compreensão e a ciência humana”* (Maia, 2004, p. 41), por outro, há a extensa obra literária por produzida por Anchieta e que aponta para diferentes aspectos de sua personalidade. A poesia, os autos teatrais e os sermões de sua autoria podem ser analisados sob o prisma de uma produção literária engajada a serviço dos ideais da Companhia de Jesus e da Coroa Portuguesa. Da mesma forma, uma análise das cartas que escreveu fornece informações que revelam as dificuldades da vida na colônia e as

ações nem sempre frutíferas de seus empreendimentos, e demonstram, sobretudo, um homem de fé, mas sobre o qual também se abatem as intempéries da vida.

Por fim, é preciso ter em conta que fazer de Anchieta um santo ou um herói à época de sua morte ocorrida em 09 de junho de 1597, tinha um aspecto de extrema importância para a afirmação política e religiosa não só da Companhia de Jesus, mas também do Reino de Portugal.

A Ordem fundada por Inácio de Loyola em 1534 trouxe novo ardor à Igreja de sua época. Seus padres, diferentemente de outras ordens religiosas, eram impelidos para uma vida apostólica intensa, colocando-se junto àqueles que mais precisavam, levando a povos distantes a Boa Nova de Jesus Cristo. A Companhia de Jesus possuía apenas 57 anos de existência, quando Anchieta faleceu. Era uma Ordem “jovem” na Igreja Católica, e, se por um lado tinha em seu carisma a iniciativa do trabalho missionário, por outro era vista com desconfiança por vários setores da mesma Igreja, dadas as articulações políticas em que se inseria e o seu carisma próprio, que, se lhe conduzia a inúmeras situações conflituosas, era também fonte de poder e dominação<sup>22</sup>. Assim, ter um santo oriundo das fileiras jesuíticas significava o aval da Igreja para o trabalho da Ordem, como geradora e formadora de personalidades exemplares.

O primeiro jesuíta a ser canonizado foi o seu próprio fundador, Inácio de Loyola, em 1622<sup>23</sup>. Portanto, quando, em 1597, o Anchieta foi proclamado pela autoridade eclesiástica do Rio de Janeiro como “Apóstolo do Brasil” ainda não havia santos jesuítas nos altares da Igreja. Com a morte do Pe. José, aumentaram consideravelmente os já incontáveis testemunhos sobre sua vida simples e dedicada aos outros e os relatos sobre circunstâncias “miraculosas” em que se envolveu. Acenderam-se, assim, as esperanças de um novo santo, cujo processo de canonização poderia vir ao encontro da definitiva consolidação da Ordem, fazendo frente, inclusive, aos inimigos existentes no seio da própria Igreja.

Para Portugal, era evidente que fazer um santo em terras dominadas, serviria como mais uma justificação da ação colonizadora e, certamente, o fato seria utilizado a esse favor.

---

<sup>22</sup> Há que se considerar que os jesuítas têm um carisma especial para o trabalho com a Educação e trabalham com a produção do conhecimento e a formação educacional de crianças e jovens, desde os primórdios da fundação da Ordem.

<sup>23</sup> Inácio de Loyola morreu em 31 de julho de 1556.

A primeira biografia de Anchieta chegou à Europa em 1600. Em 1602, foi aberto o primeiro processo informativo, no Rio de Janeiro, o qual, junto com o segundo processo instaurado em Olinda/PE, deu origem, em 1618, ao processo pela causa da canonização do jesuíta. Em 1736, Pe. José foi declarado “Venerável Servo de Deus”, título com o qual a Igreja reconhece o caráter heróico de uma pessoa. Contudo, após essa declaração, o processo foi interrompido por três vezes nos períodos de 1634 a 1647, de 1668 a 1702 e de 1773 a 1815, este último quando a Ordem ficou supressa por decisão papal. Em 1980, o Papa João Paulo II, em visita ao Brasil, declarou José de Anchieta “Bem-aventurado Beato”.<sup>24</sup>

### 2.1.1. Biografia e biógrafos

- a- *Breve relação da vida e da morte do padre José de Anchieta*, de Quirício Caxa, 1597

O primeiro relato biográfico sobre Anchieta foi escrito pelo também jesuíta Quirício Caxa em 1597, logo após a morte do Pe. José, por solicitação do Pe. Pero Rodrigues, Provincial Jesuíta do Brasil, que se achava convencido “da conveniência de se perpetuar por escrito o elogio fúnebre do grande missionário, que todo o Brasil venerava por suas estupendas virtudes e carismas” (Viotti, 1998, p. 7).

Nascido em Cuenca, Castela Nova (Espanha), em 1538, Quirício Caxa entrou na Companhia de Jesus com 21 anos de idade e foi enviado ao Brasil em 1563. Possuía sólida formação intelectual e comunicava-se relativamente bem. Foi professor no Colégio de Jesus por 36 anos, onde lecionou latim, teologia moral e teologia especulativa.

Contemporâneo de Anchieta, por duas vezes relacionou-se diretamente com ele. A primeira, entre os anos de 1565 e 1566, quando foi seu orientador nos estudos compendários que antecederam à ordenação sacerdotal do Ir. José. A

---

<sup>24</sup> Cf. relato do processo em MOUTINHO, Murillo. **A causa de beatificação e canonização do Pe. José de Anchieta (1597-1980)**. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola. 1980.

segunda, quando Anchieta, mesmo já tendo deixado o Provincialato, retornou à Bahia para participar da Congregação Provincial de 1592, lá permanecendo por vários meses. Nessa ocasião os dois, já idosos, tiveram oportunidade de conviverem e *edificarem-se mutuamente* (Viotti, 1998, p. 13).

A notícia biográfica que escreveu sobre Anchieta recebeu o título completo de *Breve relação da vida e da morte do padre José de Anchieta, quinto provincial que foi do Brasil*, ficando, contudo mais conhecida como *Breve relação da vida e da morte do padre José de Anchieta*.<sup>25</sup> Dela existem três cópias manuscritas: uma na Biblioteca do Porto, a segunda nos arquivos da Biblioteca da Ajuda, ambas em Portugal, e a última no Arquivo Romano da Companhia de Jesus, para onde foi levada em 1600, cujo texto foi o responsável pela difusão da fama de Anchieta na Europa.

A *Breve Relação* já sofreu várias edições. A primeira, na Revista Brotéria, em 1934, feita pelo Pe. Serafim Leite<sup>26</sup>, SJ, que utilizou os textos existentes nas bibliotecas portuguesas. Após esta edição, outras cinco ocorreram, até a última, que é a utilizada neste estudo, e que foi organizada pelo Pe. Hélio Abranches Viotti, SJ, a partir de um cotejamento entre o texto do Pe. Serafim Leite e os originais existentes no Arquivo da Companhia de Jesus em Roma.

Seu texto tem como fontes principais os depoimentos de contemporâneos de Anchieta, sobretudo os padres, irmãos e noviços da Companhia de Jesus, além da memória do próprio autor. Sobre isso diz o Pe. Serafim Leite:

Escrita pelo Pe. Quirício Caxa conforme as informações muito certas que o Pe. Pero Rodrigues sendo provincial lhe deu por escrito, de padres nossos que com o Pe. José trataram em diversas casas da costa. (Leite apud Viotti, 1998, p.11).

Além disso, é escrito em uma linguagem marcada e intercaladamente literária e eclesial, repleta de superlativos que exaltam as qualidades do Pe. José. Os destinatários da *Breve Relação* são, inicialmente, os próprios jesuítas como assevera o Pe. Viotti no prefácio de sua obra: “Dirigia-se aos de sua Ordem para

<sup>25</sup> Doravante denominada apenas *Breve Relação*.

<sup>26</sup> Serafim Leite (1890-1970) jesuíta, historiador e literato é o autor da “História da Companhia de Jesus no Brasil”, obra de referência nos estudos sobre o Brasil colonial, cuja última edição data de 2004, pelas Edições Loyola (SP).

que, com o exemplo do grande morto, *procuremos ser fiéis a Deus e verdadeiros filhos da Companhia*” (Viotti, 1998, p. 10, grifo do autor).

Quirício Caxa faleceu apenas dois anos após a escrita da biografia anchietana. As pesquisas apontam que seu texto foi escrito entre junho e agosto de 1598, a partir dos documentos trazidos pelo provincial Pero Rodrigues quando retornou de sua visita ao Sul realizada em fins de 1597 e início de 1598.<sup>27</sup> Uma qualidade ímpar de seu texto é a proximidade de seu relato com os acontecimentos conferindo-lhe um estatuto de fidelidade à vida de Anchieta, ainda que fosse bastante conhecida pelo autor a intenção da Companhia de Jesus em dar início ao processo de santificação do Pe. José.

b- *José de Anchieta, o apóstolo do Brasil*, de Pedro Américo Maia, 2004.

A última biografia de Anchieta foi escrita quando já eram decorridos mais de 400 anos daquele texto inicial produzido por Quirício Caxa. Trata-se de um texto escrito com a intenção de divulgar a causa de canonização de José de Anchieta, interrompida algumas vezes ao longo dos quatro últimos séculos. Muito embora não possua qualquer tipo de apresentação, introdução ou prefácio, a edição leva a marca da Associação Pró-Canonização de Anchieta – CANAN, instituição brasileira associada à Companhia de Jesus com finalidade óbvia, em parceria com as Edições Loyola, editora pertencente à Ordem. O compêndio não possui ficha catalográfica. A classificação aposta pela Divisão de Bibliotecas e Documentação da PUC-Rio para o mesmo é *folheto*.

E talvez tenha sido exatamente esta a intenção da publicação: ser um folheto de fácil distribuição e leitura (tem apenas 48 páginas), ricamente ilustrado com imagens coloridas, que se prestasse à retomada e à difusão de uma causa. O texto possui um estilo documental, com claras marcas respectivas à cronologia de Anchieta, da Companhia de Jesus e da colonização do Brasil, além de destacar o esforço dos jesuítas como um todo na ocupação territorial, na formação cultural e na constituição política do Brasil Colônia. Raros são os trechos que possuem algum traço literário ou eclesial.

<sup>27</sup> Cf. aponta o Pe. Armando Eugênio Cardoso, na introdução que faz ao 1º Volume das Obras Completas publicadas pelas Edições Loyola, quer seja ANCHIETA, J. **De Gestis Mendi di Saa. Poema Epicum**. 1º Vol. Obras Completas. São Paulo, Ed. Loyola, 1970, p. 22.

O jesuíta Pedro Américo Maia nasceu em Juiz de Fora (MG) e ingressou na Companhia em 1944. Foi mestre em Literatura e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Desde 1953 dedicou-se ao estudo e à pesquisa da história dos jesuítas na Província Brasil Centro-Leste, que compreende os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal. Pe. Maia foi autor de outros textos biográficos publicados em livro, como, p. ex., sobre São Luiz Gonzaga<sup>28</sup>. Faleceu em 2005, no Rio de Janeiro.

A bibliografia que o Pe. Maia cita como fontes de *José de Anchieta, o apóstolo do Brasil* é bastante pequena: apenas quatro livros, sendo dois deles biografias (os escritos do Pe. Armando Cardoso e do Pe. Hélio Abranches Viotti, já mencionados). Os outros dois são um de autoria de Jorge de Lima e, o outro, sobre os empreendimentos jesuíticos no Brasil. No texto, porém, aparecem citações à biografia escrita por Simão de Vasconcelos, terceiro biógrafo de Anchieta. Da mesma forma, são claras as referências a trechos de cartas escritas por Anchieta, algumas, inclusive, citadas literalmente; contudo, inexitem no texto notas de qualquer espécie sobre tais destaques. Embora a pesquisa documental pareça frágil – o que é imediatamente refutado pela qualidade do próprio texto – há uma menção expressa à sua intenção biográfica. Logo em seu início, o autor deixa claro que pretende relatar a vida de Anchieta, cuja vocação *continua a impressionar religiosos e leigos*. (Maia, 2004, p. 5). E, explicitamente, introduz o capítulo intitulado “Profecias e Milagres”, dizendo claramente: “Uma biografia de Anchieta não seria completa se esquecesse de documentar aspectos de sua vida que transcendem a compreensão e a ciência humana” (Maia, 2004, p. 41).

O texto chama a atenção pela tentativa de atualização biográfica, ou seja, de relacionar os acontecimentos da vida de Anchieta aos aspectos históricos e políticos que determinaram a construção do Brasil e da Igreja no Brasil como os entendemos hoje. Obviamente, não passa despercebida a intenção de se exaltar as qualidades de santo encontradas na personalidade de Anchieta, embora sem o exagero dos superlativos empregados por Quirício Caxa.

Porém, embora seja um texto cuja linguagem é bastante atualizada, com uma organização de idéias que propicia ao leitor ter um tamanho bastante

---

<sup>28</sup> MAIA, P.A. **Luiz Gonzaga ou a coragem de decidir**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

adequado da estatura dos empreendimentos do jesuíta Anchieta, a quem a Companhia de Jesus e a devoção popular em torno do Beato (ainda considerável em nossos dias) querem fazer santo, seu autor é bastante modesto em afirmar aquilo que ainda é necessário para sua canonização definitiva, ou seja, a ocorrência comprovada cientificamente de três milagres ocorridos por sua intercessão.

Assim, Pe. Maia utiliza expressões como “há testemunhos da época...” (Maia, 2004, p. 41) ou ainda “Conta-se, também que teria previsto sua nomeação a Provincial do Brasil anos antes...” (Maia, 2004, p. 41), que embora apontem a ocorrência do fato, dissimulam o que realmente aconteceu, deixando claro um recurso usado por historiadores quando não estão totalmente seguros sobre suas fontes ou sobre o que há de realidade em relatos de cunho claramente fantástico (tais como milagres e profecias, no caso de Anchieta).

## **2.2. Biografia, História e Literatura**

É com pano de fundo da hegemonia hispânico-portuguesa nas navegações oceânicas e sob a ordem de um poder que entrelaçava a Monarquia e a Igreja que a expedição de Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil em abril de 1500. A colonização brasileira, porém, só foi efetivamente iniciada quando D. João III instituiu, em 1534, o sistema de capitanias hereditárias.

A íntima relação entre as instituições monárquica e eclesial tornou a expansão colonialista não somente uma ampliação de domínios territoriais – com a conseqüente dominação de povos e culturas e a pilhagem de riquezas – mas, também, a oportunidade de estender a cultura cristã católica às novas terras, o que era especialmente interessante à Igreja que na Europa se debatia com a Reforma Protestante. Neste sentido, a Companhia de Jesus foi particularmente adequada às intenções civis e religiosas. Tendo na essência de sua ação missionária a perspectiva de “salvar almas” como ideal de Inácio de Loyola, seu fundador, a Ordem expandiu-se em relação direta com a colonização portuguesa, sobretudo, na América e na Ásia.

Alfredo Bosi, em *Dialética da Colonização*, assinala que:

A colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do *colo*: ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais. Mas os agentes desse processo não são apenas suportes físicos de operações econômicas; são também crentes que trouxeram nas arcas da memória e da linguagem aqueles mortos que não devem morrer. (Bosi, 1992, p. 15, grifo do autor)

Assim é que a história daqueles primeiros jesuítas que aqui estiveram deixou suas marcas na própria história da constituição do Brasil como nação. São inegáveis as contribuições religiosas e políticas deixadas por homens da envergadura de Manoel da Nóbrega, José de Anchieta e Antonio Vieira. Há ainda que se considerar as marcas das obras literárias deixadas por Anchieta e Vieira que constituem os primeiros passos de uma literatura específica e da publicação de livros no Brasil. São, portanto, uma outra marca, de cunho cultural, que se pode contar também como contribuição jesuítica.

Então, se José de Anchieta pode ser contado como um personagem histórico determinante para a consolidação política e cultural do Brasil colônia, também o é deveras importante em termos eclesiais, sobretudo no tocante ao trabalho de evangelização dos índios e colonos empreendido pela Companhia de Jesus nesta terra.

Um aspecto importante a ser considerado é o engajamento dos jesuítas na questão da Contra-Reforma, que marca o século XVI. Era necessário à Igreja marcar determinadas posições contra as proposições de Martinho Lutero. Assim, promover uma retomada da devoção aos santos foi um caminho incentivado, dado o apelo popular que este tipo de devoção sempre tivera.

Nessa iniciativa particular, a Companhia de Jesus foi uma aliada à altura das necessidades da Igreja Católica. Vivendo em terras estranhas, sofrendo e vencendo as intempéries de natureza totalmente diferentes das européias e subjugando culturas nativas à fé cristã os missionários eram potenciais candidatos à santidade. E, em missionários, a Companhia de Jesus era pródiga. Além disso, o século XVI marca também o início da Era Moderna, com o advento da preocupação científica com a objetividade. E lá está presente a Companhia, que se dedica entre outros aspectos a uma revisão crítica da literatura hagiográfica, de

então, empreendida em particular através da *Sociedade dos Bolandistas*<sup>29</sup>, com o objetivo de distinguir os fatos históricos referentes aos relatos das vidas dos santos, das lendas áureas, construídas dos relatos orais sobre os feitos dos primeiros santos (Augras, 2005, p. 22-23).

Por fim, volto a mencionar a necessidade própria de sedimentação da Companhia de Jesus no seio da Igreja. Conseguir a canonização de um jesuíta serviria para confirmar oficialmente a própria ordem, dando a ela um lugar nos altares e na devoção popular.

A história da vida de José de Anchieta, portanto, era uma possibilidade para realização de tal intento, vez que reunia todos os aparatos necessários à constituição de um santo. Jovem e doente venceu o Oceano Atlântico; aqui chegado, curou-se e mesmo com o corpo deformado pela doença, venceu naufrágios e índios canibais; manteve a castidade perante índias que se ofereciam sexualmente; promoveu a paz entre índios e colonos; participou da expulsão dos franceses – e a respectiva vitória do Catolicismo português sobre o Protestantismo francês – e realizou, sem dúvida, um trabalho de evangelização até então sem precedentes, através de uma pedagogia diferente, centrada no apelo literário, mas fincado na essência da espiritualidade da Congregação. Acima de tudo, teve uma vida exemplar de serviço, humildade e pobreza: percorria os caminhos – como relatam alguns de seus biógrafos – descalço e a pé; sem privilégios, com a mesma e rota batina, sem descanso que não algumas mínimas horas de sono.<sup>30</sup>

Sobre Quirício Caxa, o primeiro biógrafo, pesou a necessidade de relatar uma vida que tinha em perspectiva a possibilidade imediata de santificação de seu vivente. Sua escrita, à primeira vista comedida em questões que relatavam acontecimentos fantásticos, milagrosos ou proféticos, vai aos poucos revelando uma dada grandiosidade ao biografado através da extensiva utilização de superlativos que exaltam as qualidades pessoais do padre. Diz ele:

---

<sup>29</sup> O nome da sociedade é originado de Jean van Bolland, jesuíta dos Países Baixos que viveu entre 1596 e 1665. A sociedade existe até hoje, embora seus trabalhos tenham sido suspensos no período de supressão da Companhia de Jesus. Cf. AUGRAS, M. **Todos os santos são bem-vindos**. Rio de Janeiro. Pallas, 2005. p. 22.

<sup>30</sup> Cf. nos relata o Pe. Hélio Abranches Viotti na Introdução Geral ao volume 7, das Obras Completas, que condensa os sermões de Anchieta. Cf. ANCHIETA, J. **Sermões**. in *Obras Completas*, 7º vol. São Paulo. Edições Loyola, 1987, p. 5-27.

Pasmavam os tamoios de ver um mancebo rodeado de um *fogo babilônico* e estar nele sem se lhe chamuscar um cabelo. Para se livrar destes *ardentíssimos* perigos e *propinqüíssimas* ocasiões usava de muita oração e comunicação com Deus. Encomendava-se *fortíssimamente* à Virgem N. Senhora de quem era e sempre foi *devotíssimo*, em especial de sua *puríssima* conceição. Usava da disciplina, que sempre teve em costume por *presentíssimo* remédio para toda a doença em especial para esta; (...) (Caxa, 1998, p. 20, grifos meus).<sup>31</sup>

Quando, ao relatar as dificuldades dos meses passados por Anchieta em cativo, Caxa utiliza uma linguagem que valoriza sobremaneira o perigo vivido em contraposição a uma suposta tranquilidade do cativo está, na realidade, conferindo à Anchieta uma condição superior a dos demais homens. Essa condição especial lhe era concedida pela força da fé e pela prática da disciplina e da oração. Diante do padre, pasmavam os tamoios, que impingiam-lhe a suplícios morais e atentados à sua castidade, oferecendo-lhe as índias para com ele deitarem. A narrada resistência do jesuíta, contudo, traz as marcas da fé em um acontecimento de cunho meramente político.<sup>32</sup>

Em sua prática apostólica Anchieta percebe o interesse do índio pelo lúdico e usa de suas qualidades de poeta para escrever autos que surpreendem quanto ao método de evangelização. Seu teatro inclui elementos da cultura indígena e, muito embora estes sempre sejam vencidos pelos da fé cristã, é através desse movimento de inclusão que ele consegue, aos poucos, uma adesão dos nativos à proposta da Companhia de Jesus. Com isso, são criadas no entorno das casas jesuíticas comunidades que compreendem uma nova possibilidade de vida que não as afronta culturalmente, mas, antes, se vêem de algum modo valorizadas e compreendidas. Diz Pe. Maia, seu último biógrafo:

Em outras palavras, Anchieta decidiu levar a mensagem de Cristo para seus alunos por meio do coração. O processo mais prático, mais pedagógico, mais

<sup>31</sup> Neste ponto o biógrafo está narrando o episódio da prisão de Anchieta pelos índios tamoios.

<sup>32</sup> Anchieta e Nóbrega foram reféns dos índios tamoios, em Iperoig, durante a Guerra entre aqueles e os portugueses. Nas biografias anchietanas, os pontos fortes dessa empreitada são os relatos dos perigos vividos pelos jesuítas entre os índios, a manutenção da castidade de Anchieta e a escrita do Poema da Virgem, em agradecimento pela manutenção de sua vida. Alguns historiadores – não sem razão – discordam dessa visão idílica e heróica da estada dos jesuítas entre os tamoios. O relato de Edson Monteiro, em *Os brasis de Uruçumirim*, é bastante elucidativa sobre os acontecimentos daquele período e demonstra com clareza as articulações políticas necessárias para a tentativa de estabelecimento da paz entre os dois povos. V. em especial o capítulo 8, in MONTEIRO, Edson. **Os brasis de Uruçumirim**. Uma prosa histórica sobre os nativos tupinambás da Guanabara de Aimberê. Rio de Janeiro. Ed. Tauari. 2000, p.103 a 116.

intuitivo não era fazer o índio compreender a religião: era, primeiro, fazer o índio gostar da religião.

Foi com essa orientação que Anchieta se tornou dramaturgo, encontrando no teatro a forma adequada para a transmissão do cristianismo ao índio

Os atores eram os índios-alunos do Colégio de São Paulo, dirigidos pelo próprio Anchieta, (...).

(...)

E, no fim do terceiro ato, vencido os diabos, os imperadores, os maus espíritos das florestas, os índios *admirados e exultantes* pelo sucesso da representação caíam num fervor carnavalesco de treme-treme, cadenciado a passo de siri-congado e ritmado de tambores, bombos, catecás e curugus. Em seguida três descargas de mosquetaria. Farta distribuição de espelinhos para os convivas, *canivetinhos e estampas aos pajés*, vivas a Portugal, vivas ao Brasil. O evento agradava a todos. (Maia, 2004, p. 23-24, grifos meus)

A História da colonização brasileira não pode se furtar de admitir essa estreita ligação entre o Estado e a Igreja. Da mesma forma, a escrita biográfica sobre Anchieta não deixará nunca de receber diretamente a influência do desejo da Companhia de Jesus em fazer-lhe santo. Durante os mais de quatro séculos que separam sua morte dos nossos dias, inúmeros autores de alguma forma biografaram Anchieta – seja por uma explícita intenção biográfica, seja por necessidade de construção formal de algum texto sobre o jesuíta em que tenha sido imperioso citar-lhe a vida. Contudo, é pertinente admitir o pensamento de Janet Malcolm, quando diz:

O ato de escrever não pode ocorrer num estado de ausência de desejo. A pose de equanimidade, a farsa do equilíbrio, a adoção de uma postura de distanciamento nunca pode ser mais que um ardil retórico; se fossem genuínas, se o escritor realmente não se importasse com a maneira como as coisas acabam acontecendo, não se incomodaria em representá-las. (Malcolm, 1995, p. 183)

Não é por acaso que a maioria dos textos biográficos de Anchieta aceitos como oficiais devido à suposta veracidade de suas fontes e à possibilidade de acesso àquelas são textos escritos por outros jesuítas. Ainda que o rigor necessário a um relato histórico seja possível a um leigo, dificilmente este seria capaz de traduzir literariamente as intenções da Companhia de Jesus na divulgação da vida do Pe. José. Ou cairá na piedade devocional, ou na impiedade crítica provocada pela violência da colonização. Por isso, muitos autores que já escreveram sobre Anchieta recaem na exaltação das virtudes já apresentadas pelos biógrafos jesuítas, não acrescentando novidade alguma àqueles textos. Por outro lado, o

acréscimo de novos dados só poderá acontecer mediante a descoberta de algum fato novo da vida do padre, e isto certamente só será facultado saber à Companhia de Jesus.

### **2.2.1. Exemplaridade e Santidade**

Nos primórdios do Cristianismo, santos eram essencialmente os mártires. Com o correr dos séculos, os membros das primeiras comunidades cristãs empenhados na divulgação dos ensinamentos de Jesus Cristo e suas vidas exemplares aproximaram os altares de outros que não necessariamente os martirizados. No século XVI, a ação dos missionários começou a emoldurar um novo modelo de santidade: era possível ser santo não somente vencendo intempéries, realizando milagres, profetizando ou ainda, em alguns, casos pelo martírio; mas, sobretudo, abriu-se a possibilidade de se atingir a santidade através da realização efetiva de uma ação apostólica de evangelização e conversão, que possibilitassem a adesão de novos membros à Igreja e a salvação de almas.

No ano de 313, o imperador Constantino, através do Édito de Milão, assegurou a todos os cristãos do Império Romano a livre prática de sua religião. Com isso a propagação da fé cristã começou aos poucos a incluir além da experiência dos mártires, o relato das virtudes cristãs, presentes nas vidas exemplares de muitos santos. Esses relatos constituem narrativas que, com o correr dos anos incorporaram tradições e mitos locais até produzirem verdadeiras lendas que hoje constituem grande parte dos registros hagiográficos.<sup>33</sup>

Com a publicação das lendas douradas dos santos, a concretude e a especificidade desaparecem. O indivíduo singular some, para dar lugar a um personagem cujas características vão, ao longo do tempo, unificar-se, estereotipar-se, criando uma imagem repetitiva, totalmente idealizada. As vidas dos santos transformam-se em contos maravilhosos. Os santos deixam de ser ‘gente como a gente’ para se transformar em heróis sobre-humanos, (...) (Augras, 2005, p. 20)

---

<sup>33</sup> AUGRAS, M. *Op.cit.*, p. 20.

Neste sentido, a participação da Companhia de Jesus com a Sociedade dos Bolandistas, como já mencionado, foi de fundamental importância para o resgate da dimensão histórica e terrena da vida dos santos. *Sem os enfeites fantásticos, a vida do santo revela em toda a sua singeleza o desenvolvimento progressivo da relação íntima que Deus estabelece com os homens.* (Augras, 2005, p.23)

Embora já proclamado Venerável e Beato, José de Anchieta, ainda não foi afirmado Santo pela Igreja Católica. Mas, a proclamação eclesial do título de *Apóstolo do Brasil* em suas exéquias chamou a atenção da Companhia de Jesus para a possibilidade de estar diante de um ser humano de raras virtudes, de seriedade missionária e que produziu resultados concretos para a evangelização do Brasil; características que poderiam, sim, fundamentar uma vida no mínimo exemplar e, quiçá, santa.<sup>34</sup>

Sobre a emergência do gênero biográfico percebida nos dias atuais, diz Benito Bisso Schmidt, no artigo *Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos*:

(...) a massificação e a perda de referenciais ideológicos e morais que marcam a sociedade contemporânea têm como contrapartida a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente. (Schmidt, 1997, s/p)

Pode-se inferir que essa era de alguma forma também uma característica da época de Anchieta. Ainda que se vivesse uma época marcadamente referenciada pela Igreja Católica e pelos ideais do Cristianismo, isso não significava ausência da necessidade de exemplos virtuosos. Para Serafim Leite, a *Breve Relação* tinha como destinatários primeiros os “*de sua Ordem, para que com o exemplo do grande morto*” (Leite apud Viotti, 1998, p. 10) de modo que aqueles procurassem servir fielmente a Deus e agir como filhos verdadeiros da Companhia, tal como fora Anchieta. Não por acaso, certamente, o penúltimo e o antepenúltimo capítulos do texto de Quirício Caxa são dedicados às virtudes do Pe. José.

---

<sup>34</sup> Por volta dos séculos XII e XIII a Igreja determinou regras para instrução dos processos de beatificação e canonização, que passaram a ter um roteiro mais ou menos fixo: um resumo biográfico, o catálogo das virtudes do santo e a lista de seus milagres que devem ser devidamente documentados e comprovados cientificamente (cf. Augras, 2005, p. 22).

No penúltimo, denominado “De algumas virtudes que mais se enxergaram no Padre José”, Caxa faz um relato sistematizado que exemplifica e destaca a oração, a devoção, a caridade, a mansidão, a confiança em Deus, a obediência, a humildade, a pobreza, a castidade, a mortificação e a paciência – virtudes exemplares a um bom cristão que procura viver uma vida de santidade.

No outro capítulo cuida do “*espírito de profecia que parece teve*” (Caxa, 1998, p. 31) onde relata casos de profecia, utilizando uma linguagem que aproxima ao relato dos Evangelhos o exemplo de Anchieta:

Adoeceu um índio nas aldeias do Espírito Santo por nome José e chegou a tais termos que o julgaram por morto. E as índias se lançaram sobre seu corpo como têm por costume. Ao pranto acudiu um padre e apartando a gente e achando ainda sinal sobre o coração lhe deu a unção. E mandou logo recado ao Pe. José que lhe encomendasse a alma a Deus. Respondeu que já recomendara a Deus e que não morreria daquela. E viveu alguns anos. (Caxa, 1998, p. 33)

Episódio semelhante é o relato evangélico de Mateus, capítulo 9, quando Jesus cura a filha do chefe dos centuriões:

Enquanto Jesus dizia essas coisas para eles, um chefe se aproximou, ajoelhou-se diante de Jesus, e disse: ‘Minha filha acaba de morrer; mas vem, põe tua mão sobre ela, e ela viverá.’ Jesus levantou-se e o seguiu, junto com seus discípulos. Chegando à casa do chefe, Jesus viu os tocadores de flauta e uma multidão fazendo barulho. Então disse: ‘Retirem-se, porque a menina não morreu. Ela está apenas dormindo.’ As pessoas começaram a caçoar dele. Quando a multidão foi afastada, Jesus entrou, e tomou a menina pela mão. Então a menina se levantou. E essa notícia espalhou-se por toda aquela região.’(Mateus 9, 18-19.23-25)

Em outro trecho, diz o biógrafo:

Caminhando uma vez com um irmão, se levantou uma tempestade e escuridão que metia medo, com uma nuvem mui negra sobre eles. Disse o padre ao irmão: não hajais medo e confiai em Nosso Senhor que não nos havemos de molhar. E assim foi que chovendo por todas as partes ao redor, eles não se molharam, indo sempre seu caminho. *E o padre disse que o não dissesse a ninguém.* (Caxa, 1998, p. 33, grifo meu)

A determinação de *não contar a ninguém* o evento especial que havia acontecido, assemelha-se a diversos relatos evangélicos nos quais Jesus assevera

aos discípulos que não contem a ninguém o que viram de extraordinário ao mundo natural, tais como no episódio da Transfiguração, no monte Tabor:

Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, os irmãos Tiago e João, e os levou a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E se transfigurou diante deles: o seu rosto brilhou como o sol, e as suas roupas ficaram brancas como a luz. Nisso lhes apareceram Moisés e Elias, conversando com Jesus. Então Pedro tomou a palavra, e disse a Jesus: ‘Senhor, é bom ficarmos aqui. Se queres, vou fazer aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias.’ Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e da nuvem saiu uma voz que dizia: ‘Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz.’ Quando ouviram isso, os discípulos ficaram muito assustados, e caíram com o rosto por terra. Jesus se aproximou, tocou neles e disse: ‘Levantem-se, e não tenham medo.’ Os discípulos ergueram os olhos, e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus. Ao descender da montanha, Jesus ordenou-lhes: ‘Não contem a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos.’ (Mateus 17, 1-9, grifo meu.)

Aproximar o Pe. José ao próprio Jesus Cristo, que para o cristão reuniu em si a grandeza da divindade e o limite da humanidade, é conferir-lhe um *status* de exemplaridade e santidade únicos, especiais, e que muito servem ao objetivo de constituição de uma vida exemplar na qual as futuras gerações da Companhia de Jesus deviam espelhar-se. Da mesma forma, dota o Pe. José de atributos que lhe aproximam do divino e do sagrado, significando, portanto, aptidão para a santidade desejada. Além disso, as mortificações do Padre, que andava descalço pelos caminhos, carregando em seu próprio corpo as marcas de uma doença que lhe deformara as costas e lhe consumia em dores aludem à mortificação de Jesus Crucificado. A identificação cristã com seu personagem máximo *pode ser entendida como um consolo contra a fraqueza humana; todos que sofrem anseiam por um final feliz, tão glorioso quanto o final feliz de Jesus Cristo.* (Ruckstadter e Toledo, 2006, P. 24)

A Jesus Cristo, Filho de Deus imolado pelo pecado humano, coube à glória da Ressurreição. À Anchieta, missionário de Cristo, apóstolo do novo mundo, espera-se, ainda hoje, a honra de sua canonização definitiva, verdadeiramente merecida pelo exemplo de fé, humildade, mortificação e empenho na evangelização das novas terras, pelo menos no dizer de seus biógrafos.

### 2.2.2. Poesia, ficção e realidade

Benedito Bisso Schmidt, no texto já citado, entende que há uma “aproximação da história com a antropologia, na qual o resgate das histórias da vida já é uma praxe, e com a literatura, preocupada com as técnicas narrativas de construção dos personagens”. (Schmidt, 1997, s/p)

A narrativa biográfica da pessoa histórica *José de Anchieta* encontra um eco na afirmação do teórico acima, uma vez que seus autores tinham a missão de construir um personagem com as características exemplares que fizessem jus ao título de *Apóstolo do Brasil*. Quer seja o primeiro biógrafo, quer seja o último, ambos estiveram diante do desafio de dar a José de Anchieta uma biografia que atendesse aos interesses da Companhia de Jesus e da Igreja Católica, mas que também contivesse o relato fiel do momento histórico e das contendas políticas nas quais se envolveu.

As fontes de Quirício Caxa são todas orais. Os poucos documentos por ele utilizados são, na realidade, frutos de testemunhos orais tomados por autoridades eclesiásticas ou ainda de sacerdotes ou religiosos que conviveram diretamente com Anchieta. Portanto, se em vida o padre já era considerado santo pelo povo e por seus confrades, a consternação provocada por sua morte certamente está refletida no texto de Caxa, fazendo transparecer no mesmo o entusiasmo correspondente de suas fontes.

A frase com que inicia o seu relato diz: “Nasceu o Pe. José de Anchieta numa Ilha das Canárias” (Caxa, 1998, p. 15). Ao inverter a ordem e iniciar a frase com o verbo e não com o sujeito, o autor concede ao texto uma interpretação que o aproxima de alguma coisa como “Era uma vez, o Pe. José de Anchieta...” Este recurso chama a atenção do leitor para a história que se inicia ao mesmo tempo em que oferece a dimensão do texto que vai ser lido. Embora se trate de um relato histórico-biográfico, a especialidade do seu personagem principal e suas “aventuras” permitem a utilização de tal recurso poético pois o Pe. José não era um homem qualquer, mas alguém que possuía as mais altas virtudes as quais lhe qualificavam desde sempre como santo no coração do povo.

As entradas do texto do Pe. Maia são, por sua vez, mais diretas e precisas: datas, informações geográficas sobre o local de seu nascimento, relatos que seguem uma ordem cronológica, aqui e ali interrompida para o esclarecimento de um dado histórico que se faz necessário. Porém, não deixa de recorrer à poesia para explicar algumas dimensões da personalidade de Anchieta. Assim, logo no segundo parágrafo de seu texto, diz:

A montanha nevada [o pico de Teide, em Tenerife, onde nasceu Anchieta], entretanto, abriga um vulcão em seu interior – vulcão que, embora extinto, ainda dá sinais do fogo que arde em suas entranhas. Essa coexistência de neve e fogo, em Tenerife, ilustra com perfeição o caráter brando e ao mesmo tempo ardente de um dos mais célebres filhos das Canárias. (Maia, 2004, p.8)

A obra literária deixada por Anchieta é um outro aspecto a ser considerado na construção dos textos biográficos de Quirício Caxa e do Pe. Maia.

Considerada portadora de uma importância ímpar, que ultrapassa as questões estéticas e linguísticas, e chega ao estatuto de documento histórico da constituição do Brasil como nação, a obra anchietana foi, para além de suas características literárias propriamente ditas, o instrumento da ação missionária do jesuíta. Porém, as narrativas biográficas dos autores aqui tratados pouco falam sobre o processo de escrita dessa obra, o que causa estranheza, dado que o jesuíta recebeu o título de “apóstolo” justamente por seu trabalho pastoral e catequético.

Quirício Caxa menciona a grande devoção de Anchieta à Virgem Maria, atribuindo-lhe a razão do Pe. José ter escrito o poema épico dedicado à Virgem e não se aprofunda mais neste assunto. A proximidade histórica entre o momento da escrita de Caxa e a morte de Anchieta, além da ausência de um instrumental crítico com que pudesse realizar uma avaliação da recepção da obra e do consequente trabalho de evangelização empreendido através dela são, sem dúvida, determinantes para que a primeira biografia praticamente nada mencione sobre a literatura produzida por José de Anchieta.

Porém, é interessante notar que este mesmo autor dedica um capítulo inteiro sobre a composição da gramática da língua do Brasil, composta por Anchieta, desvendando aspectos bastante interessantes sobre a relação entre os processos de evangelização e colonização, para os quais o domínio da língua era fundamental. Esse capítulo ele o termina assim:

Este zelo, de por via da língua aproveitar aos índios, não se diminuiu nele [Anchieta] com a velhice e pesadas enfermidades que com ela lhe sobrevieram. Porque sendo trazidos ao mar por via dos nossos uns índios chamados Maramumis, (...), determinou-se de reduzir a certas regras sua língua, e fazer dela arte para com ela os nossos com mais facilidade aprender sua língua. (...) *E saiu com seu intento e abriu caminho para ajudar uma nação tão grande e que tem algumas coisas que facilitam sua conversão:* (...) não comer carne humana, não ter mais que uma mulher no comum e serem muito amigos dos portugueses e muito mais dos padres que têm cuidado deles. (Caxa, 1998, p. 19, grifos meus)

O texto de Pe. Maia, publicado há apenas quatro anos, é obviamente mais influenciado pela crítica que ao longo dos séculos conferiu um *status* à obra literária de Anchieta e que, ao mesmo tempo, enriqueceu as escritas biográficas sobre o jesuíta. Por isso, ao relatar o episódio da prisão de Anchieta pelos índios em Iperoig o autor menciona como resultado da experiência a escrita do Poema da Virgem.

(...) Ao longo dos quatro meses que permaneceu como refém, compôs o *poema De Beata Virgine Dei Matre Maria*, escrevendo os quase seis mil versos com um bastão sobre a areia da praia. (...) Com 5.732 versos, o poema não é apenas a narração da vida de Maria, mãe de Jesus, sua infância, a encarnação do Verbo, o nascimento de Jesus, a glória do Filho e da Mãe, mas também transmite, robustamente, a influência do meio em que o escrevera, cercado pela natureza agreste e pelos índios em revolta. (Maia, 2004, p. 32, grifo do autor)

Em seu texto, Pe. Maia cita a importância dos autos teatrais anchietanos, relacionando-os ao processo de catequese, e aproximando-os ao rol dos acontecimentos sociais importantes para a vida da Colônia: porém, não aprofunda muito mais a questão da recepção das peças como efetivo instrumento de evangelização.

Anchieta foi também o epistológrafo da Província do Brasil durante longos anos, sobretudo enquanto ainda não havia sido ordenado. Suas cartas também são utilizadas como fontes para seus biógrafos: Quirício Caxa teve à sua disposição testemunhos orais e a sua própria experiência pessoal e, embora não mencione diretamente a utilização das cartas como fontes de seus textos, pode tê-las utilizado, sim, posto que era costume da Província manter cópia dos originais enviados. Contudo, biógrafos que se seguiram a Caxa as utilizaram e Pe. Maia,

inclusive, cita textos inteiros retirados delas, ainda que não as assuma formalmente como fontes.

#### Para Janet Malcolm as cartas

são o grande fixador da experiência. O tempo pode erodir os sentimentos e criar a indiferença, mas as cartas servem para nos provar o quanto já estivemos envolvidos. São os fósseis dos sentimentos. É por isso que os biógrafos as valorizam tanto: são a única via que lhes permite ter algum contato sem a mediação com a experiência direta. Tudo o mais que cai em suas mãos é estagnado, remoído, contado e recontado, dúbio, inautêntico e suspeito. Somente quando lê as cartas de alguém o biógrafo sente sua presença plena, e só quando cita suas cartas consegue transmitir a seus leitores a sensação de apresentar-lhes a vida capturada. (Malcolm, 1995, p. 117-118)

Ora, para a construção de um personagem exemplar sob o ponto de vista jesuítico – que tinha clareza sobre a necessidade de equilíbrio entre história e lendas – não bastava apenas o relato das virtudes cristãs tais como humildade, caridade, serviço, etc. O Brasil de Anchieta era uma terra que começava a ser colonizada, onde os portugueses que aqui chegaram encontraram nativos que andavam nus. Portanto, se por um lado chocava aos portugueses o hábito comum dos índios em darem as mulheres para que com elas se deitassem aqueles que consideravam amigos, por outro havia os colonos que adotavam uma prática moral de devassidão. Por isso, o exemplo de um homem que no calor de sua juventude foi capaz de resistir às índias nuas que lhe eram oferecidas, servia tanto à catequese do nativo, quanto a do colono. Este fato foi relatado pelo próprio Anchieta em carta ao Pe. Diogo Laines, Superior Geral da Companhia, em Roma, em 8 de janeiro de 1565. As duas biografias, embora não incluam a carta de Anchieta como fonte citam o mesmo fato, resguardando os estilos respectivos a cada autor. Diz Anchieta em sua carta:

Os índios nos faziam todo o bom trato possível à sua pobreza e baixeza. E como têm pó grande honra, quando vão cristãos a suas casas, dar-lhes suas filhas e irmãs para que fiquem por seus genros e cunhados, quiseram nos fazer tal honra, oferecendo-nos [a Anchieta e a Nóbrega] suas filhas, insistindo muitas vezes; mas como lhes déssemos a entender que não somente aquilo que era ofensa a Deus aborrecíamos, senão que não éramos casados, nem tínhamos mulheres, ficaram eles e elas espantados, como éramos tão sofridos e continentos, e tinham-nos muito maior crédito e reverência.

As particularidades neste caso, *não é possível, nem expediente escrever-se*. Basta entender-se que é necessária graça mui especial e fogo do Espírito Santo a quem

há de viver entre gente que põe nisto uma das essenciais partes de sua felicidade, cujos pensamentos, palavras e obras, que quase necessariamente, há de ouvir-se, e ainda ver-se, todos finalmente vêm parar nisto. Mas bendita seja a Santa Bondade que tanto cuidado tem daqueles que são membros desta sua mínima Companhia. (Anchieta, 1984, p. 215, grifo meu)

Quirício Caxa, no capítulo onde apresenta as virtudes que mais se destacavam no Pe. José menciona a castidade alude ao que já citara no trecho em que relata o episódio de sua prisão entre os tamoios, quer seja o capítulo 5.<sup>35</sup> Neste, porém, o relato não oferece detalhes sobre o episódio de oferecimento das índias, mas ressalta que

para se livrar destes ardentíssimos perigos e propinquíssimas ocasiões usava de muita oração e comunicação com Deus. Encomendava-se fortíssimamente à Virgem N. Senhora de quem era e foi sempre devotíssimo, em especial de sua puríssima conceição. (Caxa, 1998, p. 20)

Pe. Maia reconta o episódio, incluindo nele o trecho explícito da carta ao Pe. Geral:

Continuou a enfrentar as diferenças do dia-a-dia numa cultura estranha, sendo seus problemas aumentados pela solidão. Entre outras dificuldades, o jesuíta sofria o assédio das índias que lhe eram oferecidas como esposas, uma das formas de os tamoios demonstrarem sua amizade.

Além disso, padecia da incompreensão dos homens que não tinham meios de entender a castidade do religioso. Castidade cuja manutenção, para Anchieta, exigia o combate com os próprios instintos, com o vigor dos seus 29 anos.

Anchieta nunca se expressou detalhadamente sobre esse assunto, sobre o qual achava não ser “*possível, nem expediente escrever-se*”.(Maia, 2004, p. 31-32, grifo do autor)

O grifo do autor faz menção ao texto da carta de Anchieta ao Pe. Laines, à qual, contudo não é dado o crédito de fonte. Fica, assim, a impressão de que o biógrafo apenas quer destacar um silêncio que Anchieta se impôs sobre o assunto. Ao cotejar o texto do Pe. Maia ao original de Anchieta o que se destaca é o silêncio que o Pe. José escolhe adotar diante do assunto. Primeiro, porque a carta mesma era apenas um relato da ação empreendida por jesuítas e portugueses na busca de paz para uma determinada contenda e, portanto, não havia porquê estender-se em assuntos secundários. E, segundo, porque aquele era um assunto

---

<sup>35</sup> “De sua castidade está dito o que basta no capítulo 5.” (Caxa, 1998, p. 31)

de foro íntimo, tratado muito provavelmente apenas entre Anchieta e seu confessor sem que o jesuíta encontrasse nele motivos para exaltar a situação, ou contá-la a outros.

Os poemas e autos teatrais de Anchieta denunciam muito pouco de sua biografia. Contudo, suas cartas revelam muito do poeta que foi e que fez poesia mesmo ao relatar lutas e dificuldades que aqui viveu. São os “fósseis dos seus sentimentos”, no dizer de Janet Malcolm, ou os retratos de um olhar sensível e orante sobre uma realidade dura e muitas vezes inesperada.

### **2.3. De apóstolo a santo**

No século XVI, a História ainda não estava configurada como disciplina científica e os relatos dos acontecimentos que seriam séculos depois sistematizados como o conhecimento histórico daquele período foram justamente aqueles feitos pelos atores dos mesmos, sejam estes os missionários, os desbravadores – ou aventureiros – os escritores e os artistas.

Além de personagem atuante na própria História do Brasil, Anchieta foi um de seus maiores relatores. Suas cartas informavam à Europa os acontecimentos e avanços do processo de civilização e evangelização do novo mundo. Hoje constituem um importante repositório do conhecimento daquele período histórico. Neste sentido, a história do homem se mistura definitivamente à história do povo do qual faz parte. Porém, *ao contrário da biografia, gênero literário serenamente baseado na unicidade de uma existência, a história deve reconstituir um tecido social e cultural mais vasto* (Loriga, 1998, p. 247). Assim, ao historiador cabe a reconstituição de um período histórico e seus personagens, enquanto que ao biógrafo cabe fazer de seu biografado “o” personagem daquele período histórico.

Destarte as dificuldades didáticas do ensino da História no Brasil e do consequente aprendizado sobre o personagem histórico José de Anchieta, é inegável a sua presença na fundação de cidades ou nas tratativas políticas à sua

época, assim como não é possível eximir a Companhia de Jesus como instituição atuante e presente nos primeiros tempos da colonização brasileira. Além disso, a mística figura do *santinho corcós*, no dizer de Cecília Meirelles, ou o andarilho descalço dessas paragens tropicais, ainda suscita uma devoção que justifica o empenho em uma causa que promove a sua canonização.

Contudo, o aparato crítico atual muitas vezes minimiza a importância da ação dos jesuítas nos primórdios da nação brasileira. Com erros ou acertos, fato é que foram homens que dedicaram suas vidas à colonização dessas terras e precisam ser olhados com as perspectivas lógica, científica e até mesmo histórica daquilo que consideravam oportuno ou adequado ao modo que viviam e ao conhecimento que possuíam então.

Na vinda de José de Anchieta para o Brasil, há um quê de ilusão, de poesia e de utopia: um jovem doente e fraco que atravessa o Atlântico para salvar almas. Há um quê de História política: a marca da união entre Estado e Igreja, preponderante para o domínio do Novo Mundo. E há um quê de muitos mares ainda a navegar...

A obra literária que Anchieta produziu tem o valor de ter sido escrita para atender aos anseios da evangelização da nova terra, os quais envolviam os interesses do Estado e da Igreja em particular da Companhia de Jesus. Cotejar o processo de produção dessa obra com a sucessão cronológica dos fatos da vida de Anchieta pode revelar muito sobre a maneira de articulação de todos esses interesses. Mais, pode abrir caminhos para a desconstrução de uma aura mística e heróica criada em torno do Pe. José, para a erupção do homem que ele foi. Isso não significa abandonar a crença em sua santidade, mas, antes, a valorização da sua humanidade como base concreta para a eclosão das virtudes que o capacitam a ser santo.

A biografia escrita por Quirício Caxa revela-se muito próxima à morte de Anchieta para conter uma abrangência desse nível. Por outro lado, o texto do Pe. Maia, já produzido com a oportunidade de aplicação de um instrumental teórico que teria lhe permitido uma análise desse tipo, também não contempla essa dimensão e aproxima-se apenas ao panfletário.

Ao longo dos séculos, a imagem do santo sobrepôs-se à figura da pessoa humana e histórica que foi Anchieta. Para isso contribuíram as biografias e os

escritos não biográficos sobre o jesuíta e seus feitos. Ao ler esses textos, há sempre a sensação de que se está diante de um personagem extraordinário, com atributos inacessíveis aos comuns mortais. Esta perspectiva ainda está apegada à forma medieval de contar a vida dos santos como personagens muito acima dos pobres limites da condição humana. E também a uma certa forma de fazer história onde se valoriza no homem suas capacidades criadoras e seu potencial de ação.<sup>36</sup>

Anchieta é um homem do século XVI onde ocorre, de fato, uma renovação do comportamento do homem medievo trazida no bojo das transformações sociais e culturais da Renascença. Portanto, estando os jesuítas à frente da Contra-Reforma e inseridos no contexto de renovação científica como sempre o estiveram pelo carisma próprio da Companhia de Jesus, é factível pensar que as realizações do Pe. José não foram apenas provocadas por seus dons pessoais e por sua prática disciplinar das virtudes cristãs. Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, fontes da formação espiritual e missionária do jesuíta, são um caminho de autoconhecimento que predispõe o praticante à compreensão de si mesmo a partir de uma dimensão temporal, para, então, em um processo dialógico, realizar sua entrega pessoal à vontade de Deus. O modo de ser de José de Anchieta era plasmado pela espiritualidade jesuítica que embora caminhasse paralelamente com a modernidade que surgia, ajudou a fazer acontecer no Brasil uma colonização e uma poética da catequese que remontava *aos primórdios maniqueístas da primeira cristandade, a do êxtase místico e martirológico*. (Araújo, 2003, p. 9)

Esta influência na escrita das biografias sobre o Pe. José é, portanto, marca da própria complexidade do século em que ele viveu. Contudo, isto não justifica que essa escrita não possa ser atualizada e que passe a contemplar a emergência de um ser humano, crente em Deus, que um dia entregou-se na busca de fazer sua divina vontade, e que descobriu na missão junto aos novos povos e culturas que essa mesma vontade divina é muitas vezes encarnada em situações reais às quais é necessário responder humanamente. Certo é que em um determinado momento de sua vida – o qual os biógrafos não são precisos em relatar – Anchieta decidiu-se pelo caminho religioso através da Companhia de Jesus. A partir daí, tudo foi

---

<sup>36</sup> Cf. LORIGA, S. “A biografia como problema”, in REVEL, J. (org.). **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 233.

consequência dessa escolha que envolveu entrega, obediência, serviço e engajamento.

A vida do apóstolo que caminhava descalço e a pé é exemplar não pelo que mostra de martírio ou de sofrimento; ao contrário, é exemplar pela fidelidade à escolha feita, pela negação de possibilidades pessoais para atendimento às coletivas, pela coerência de atitudes. Descalço e a pé Anchieta continua a percorrer os caminhos dos estudos literários à espera da sua valorização como homem histórico que foi, e que isto lhe subsidie a santidade.